

ACONTECIMENTO DISCURSIVO NA LEITURA LITERÁRIA DO CONTO *AMOR*, DE CLARICE LISPECTOR

Jozilaine de Oliveira¹
Juliana Cristina Morona²
Valdir Prigol³

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar o encontro com o cego como um acontecimento que desestabiliza sentidos, a partir da leitura do conto *Amor*, de Clarice Lispector (2020), articulando a narrativa à noção de acontecimento formulada por Michel Pêcheux, compreendida como “o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2015b, p. 16). No conto, Ana vive um cotidiano atravessado por gestos repetitivos e seguros, nos quais encontra aquilo que considera estabilidade. No entanto, o encontro com um cego mascarando chiclete instaura uma cena de estranhamento que rompe com a tranquilidade de sua rotina. A partir desse momento, as coisas ganham um “ar mais hostil, perecível” (Lispector, 2020, p. 20), e Ana passa a experimentar uma percepção aguda da instabilidade da vida.

Entendemos que esse instante atua como um acontecimento discursivo porque desfaz sentidos estabilizados e convoca novos modos de ver e sentir. A partir dessa análise, propomos uma reflexão sobre como o conceito de acontecimento pode orientar práticas de leitura literária. Em vez de restringir a leitura a um exercício de decodificação textual, compreendemos o ato de ler como uma experiência capaz de desestabilizar sentidos prévios, ativar memórias e produzir deslocamentos subjetivos. Nesse sentido, a leitura pode se configurar como espaço de acontecimento: um encontro entre leitor e texto, onde novas formas de significar se tornam possíveis.

1 METODOLOGIA

No movimento de análise, o objeto de estudo é o conto *Amor*, de Clarice Lispector (2020), e, para organizar o *corpus*, mobilizamos a noção de trecho, conforme Didi-Huberman (2013) afirma: como um acontecimento, com uma expansão, como algo não mensurável que surge de surpresa, por acaso. O detalhe vai construindo a vida do texto, mas é no trecho que vamos atribuindo os sentidos e as relações que estabelecemos com ele.

O pesquisador de detalhes é o homem que vê a menor coisa e é o homem das respostas; ele pensa que os enigmas do visível têm uma solução que pode estar na “menor coisa”, num fio, por exemplo, ou numa faca; ele limpa bem seus óculos, toma-se por Sherlock Homes. Aquele que almeja os *trechos*, ao contrário, é um homem que olha, segundo uma visibilidade com o propósito flutuante; ele não espera do visível uma solução lógica (antes

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó. jozilaine@estudante.uffs.edu.br. Bolsista CNPq.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS Campus Chapecó. juliana.morona@estudante.uffs.edu.br. Bolsista CAPES.

³ Professor Doutor e Orientador pela Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS Campus Chapecó. Prof. do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL. valdirprigol@uffs.edu.br.

percebe o quanto o visível dissolve todas as lógicas); Como Dupin, em *A carta roubada* de Edgar Allan Poe, prefere usar óculos escuros para deixar que lhe venha o que espera; e, quando encontra, não é o fim de uma cadeia – a última palavra entendida como resposta –, mas um momento eletivo no encadeamento sem fim, corrida atrás do coelho das perguntas. (...) o homem do *trecho*, se lhe permitissem, escreveria éfrases sem fim, reticuladas, aporéticas. (Didi-Huberman, 2013, p. 343-344)

Em outras palavras, o trecho olha para as coisas sem uma solução lógica, algo mais aberto, algo que espera que a coisa o encontre. E, a partir do momento que encontra, não se trata do fim de uma cadeia, mas de um momento de descrição minuciosa, sem fim, sem uma resposta finalizada, com dúvidas em relação ao fechamento. Neste sentido, vamos nomear como trecho 1 (T1), trecho 2 (T2) e assim por diante, com um total de oito trechos para análise neste resumo expandido.

Além de organizar o *corpus* a partir da noção de trecho (Didi-Huberman, 2013), este trabalho também se ancora na compreensão de que a leitura literária, especialmente na formação docente, deve ser pensada para além da simples decodificação do texto. Ao privilegiar a análise de fragmentos em sua potência de acontecimento, propomos uma prática de leitura que acolhe a instabilidade dos sentidos e a experiência subjetiva do leitor. Inspiradas na proposta de Daniel Link (2002), compreendemos a leitura literária como uma relação em que o texto e o leitor mobilizam séries de sentidos que se entrecruzam. Nesse movimento, a leitura não busca decifrar um significado único, mas se configura como um espaço em que sentidos se deslocam.

Assim como Ana, no conto *Amor*, é atravessada por uma cena que desestabiliza seu modo de viver até então, o leitor, na experiência de leitura literária, também é atravessado por encontros que reformulam seu olhar para o mundo e para si.

Ler literariamente é, portanto, abrir-se ao não fechamento do texto, à escuta do que irrompe de forma inesperada. Acreditamos que essa perspectiva valoriza a leitura como experiência crítica e viva, que reconhece no leitor um sujeito em constante constituição.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Partimos da noção de acontecimento discursivo que para

Pêcheux (1990), ao tratar do discurso como estrutura e acontecimento, propõe “entrecruzar os caminhos do acontecimento, da estrutura e da tensão entre descrição e interpretação” e nos leva a entender que o acontecimento discursivo é consequência do acontecimento histórico que passa a ser discursivizado “no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória” (p. 17). Dito diferentemente: o acontecimento discursivo é que permite a inscrição do acontecimento histórico no interdiscurso. Um acontecimento discursivo estabelece uma ruptura (rompe com a “estabilidade” anterior) e inaugura uma nova “estabilidade” discursiva, mas não logicamente organizada, pois a mesma tem a ver com a ordem do discurso que joga com a materialidade linguística e a materialidade histórica. (Cazarin; Rasia, 2014, p. 194-195, aspas das autoras).

Desta forma, o acontecimento discursivo como ponto de encontro entre atualidade e memória durante a leitura do conto *Amor*, podemos perceber que Ana vive uma estabilidade em seu cotidiano, marcada por uma rotina programada que se repete sempre de modo homogêneo. No entanto, ao se deparar com o cego mascarando

chiclete, essa rotina se desestabiliza, instaurando uma mudança na sua percepção do mundo.

Para Pêcheux (2015b), o acontecimento como um fato novo ou até mesmo como primeiras declarações, depende do contexto de atualidade e do espaço da memória que ele mobiliza para reorganizar a lógica do texto e os seus deslizamentos de sentido. Buscando, assim, os efeitos provocados a partir do 'real', que rompe com a homogeneidade das proposições lógicas e com as urgências cotidianas, as quais organizamos por meio de pequenos sistemas lógicos portáteis: desde a gestão da existência até as grandes decisões da vida social e afetiva. E assim, vamos tomando decisões e organizando nossa vida.

Para Culler, a história narrada envolve a articulação entre acontecimentos, enredo (ou história) e discurso, que funcionam como duas oposições: entre os acontecimentos e o enredo; e entre a história e o discurso (Culler, 1999). Assim,

O enredo ou história é o material que é apresentado, ordenado a partir de um certo ponto de vista pelo discurso (diferentes versões da "mesma história"). Mas o próprio enredo já é uma configuração de acontecimentos. Um enredo pode tornar um casamento o final feliz da história ou o começo de uma história – ou pode fazer dele uma reviravolta no meio. O que os leitores realmente encontram, entretanto, é o discurso de um texto: o enredo é algo que os leitores inferem a partir do texto, e a idéia dos acontecimentos elementares a partir dos quais esse enredo foi formado é também uma inferência ou construção do leitor. Se falamos de acontecimentos que foram configurados num enredo, é para realçar o significado e a organização do enredo (Culler, 1999, p. 87).

Ao ler o conto, podemos compreender a leitura como uma relação. Para Link (2002, p. 19, grifos do autor): “O sujeito lê um objeto. Chamaremos 1 ao objeto; 2 ao sujeito; 3 à relação entre sujeito e objeto: o que chamamos leitura é apenas a correlação de duas séries de sentido, uma inerente ao objeto e outra inerente ao sujeito (por acaso a escuta é outra coisa?)”. Ou seja, há uma relação entre o texto e o seu leitor, que atribui seus sentidos próprios ao que o autor ou narrador propõe. O que, para mim pode fazer muito sentido e ter potência em relação ao meu dia a dia e à minha memória, para outra pessoa ter uma significação totalmente diferente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao fazermos a leitura do conto *Amor*, de Clarice Lispector (2020), buscamos analisar como o encontro com o cego funciona como um acontecimento que desestabiliza sentidos, articulando a narrativa à noção de acontecimento na vida de Ana.

Como T1 selecionamos “Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicletes... Um homem cego mascava chicles” (Lispector, 2020, p. 19). Esse primeiro trecho marca o ponto de ruptura e estranhamento na narrativa, a partir do qual o cotidiano de Ana começa a se desorganizar. A seguir, indicamos os demais trechos selecionados, relacionadas ao acontecimento:

Como T2: “Certa hora da tarde era mais perigosa” (Lispector, 2020, p. 18). Aqui, o conto anuncia o prenúncio da instabilidade que atravessará a personagem. A vida homogênea de Ana começa a apresentar fissuras:

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado.

[...] Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. [...]. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera (Lispector, 2020, p. 18-19).

Como T3: “Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê” (Lispector, 2020, p. 19). Neste momento, o olhar de Ana é fixado em algo que não a devolve o olhar. Um gesto simples e banal que desencadeia um deslocamento subjetivo.

Como T4: “O mal estava feito. Por quê? teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível...” (Lispector, 2020, p. 20). Aqui, o acontecimento revela seu impacto: um despertar para um outro lado da vida de Ana.

Como T5: “Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse” (Lispector, 2020, p. 21). O esforço de Ana em manter a estabilidade cotidiana é explicitado. A narrativa evidencia o quanto esse equilíbrio era cuidadosamente construído pela personagem.

Como T6: “Os dias que ela forjava haviam-se rompido na crosta e a água escapava” (Lispector, 2020, p. 24). A metáfora da água que escapa parece indicar a perda do controle. A realidade antes moldada por ela mesma começa a se desfazer.

Como T7: “Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada” (Lispector, 2020, p. 25). Aqui, notamos a ruptura produzida pelo acontecimento, que permite o contato com aspectos recalcados de si, revelando uma Ana que até então permanecia oculta.

Era como se a ferisse os olhos, parte dela havia mudado, parte dela havia visto algo que nunca tinha olhado antes, como se algo a tivesse tocado e a libertado para um outro lado da vida, e assim temos a T8

[...] O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? Qualquer movimento seu e pisaria numa das crianças. Mas como uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico (Lispector, 2020, p. 26).

A cena final retoma o cego e expande o acontecimento. Ana parece reconhecer, ainda que com espanto, que há aspectos incontroláveis na vida — e que esses também fazem parte da existência.

CONCLUSÃO

Este trabalho analisou o conto Amor, de Clarice Lispector (2020), articulando a narrativa à noção de acontecimento discursivo formulada por Michel Pêcheux. A partir dos oito trechos selecionados que evidenciam os deslizamentos de sentido provocados pelo encontro de Ana com o cego que mascava chicletes. Esse acontecimento rompe a rotina da personagem e desestabiliza sentidos até então naturalizados.

A análise mostrou que a leitura literária pode funcionar como espaço de acontecimento, capaz de ativar memórias e produzir deslocamentos subjetivos.

Assim, cumprimos o objetivo de refletir sobre como práticas de leitura podem ser orientadas por conceitos da Análise de Discurso (AD), indo além da decodificação textual.

Como desdobramento, sugerimos que futuros estudos explorem outros textos literários sob a mesma perspectiva, bem como a aplicação dessa abordagem em contextos pedagógicos, valorizando a leitura como experiência crítica.

REFERÊNCIAS

CAZARIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos Santos. As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo: um olhar sobre o discurso político.

Letras, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 193-210, jan./jun. 2014. Disponível em [Vista do AS NOÇÕES DE ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO E DE ACONTECIMENTO DISCURSIVO: UM OLHAR SOBRE O DISCURSO POLÍTICO](#). Acesso em 11 abr. 2025.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DIDI-HUBERMAN, George. **Diante da imagem**: questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34, 2013.

LINK, Daniel. **Como se lê e outras intervenções críticas**. Chapecó: Argos, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

PÊCHEUX, Michel [1988]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel [2011]. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos Selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015a.

PÊCHEUX, Michel [1988]. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015b.